



European Nazarene  
Bible College  
Library

# *O ARAUTO da SANTIDADE*

MAIO, 1991

*Lar  
é onde  
o coração  
mora*

Ao escrever sobre a inspiração da Bíblia, João Wesley apresenta duas provas conclusivas quanto às Escrituras Sagradas serem inspiradas por Deus.

1. Não podiam ser invenção de homens bons ou de anjos, porque eles não queriam nem poderiam elaborar um livro que mentisse sempre que escrevessem: "Assim diz o Senhor", quando se tratava de invenção própria.

2. As Escrituras não podem ser invenção de homens maus ou de diabo, porque eles não queriam escrever um livro que ordena obediência, perdão de pecados e condena suas almas ao inferno por toda a eternidade.

Portanto, raciocinava Wesley, elas devem ser divinamente inspiradas.

O apóstolo Paulo sabia que era assim mesmo. E porque era verdade, ele declarou sem temor que os homens podiam seguir em toda a parte os seus ensinamentos. Que outro livro existe que possa "tornar-nos sábios para a salvação", ensinar doutrina, reprovar e corrigir, e instruir em justiça?

Além disso, as Escrituras são ajuda indispensável para descobrir um coração santo e manter uma vida santa — "para que o homem de Deus seja perfeito" (II Timóteo 3:17). Mesmo enquanto somos dirigidos à experiência graciosa

da inteira santificação através do ensino bíblico, só seremos capazes de levar uma vida consistente e consagrada de perfeição cristã quando nos aprofundamos na Palavra de Deus.

O salmista Davi compreendeu por experiência amarga que devemos ter a Palavra de Deus mais perto do que na estante ou sobre a mesa da biblioteca. Para prestar ajuda imediata a necessidades urgentes, ela deve estar escrita nas tábuas do coração. "Mas eu não consigo memorizar as Escrituras", dirá alguém. No maior capítulo da Bíblia (Salmo 119) Davi dá alguns conselhos da sua própria vida quanto ao processo de memorizar a Palavra de Deus.

Primeiro, "em Teus preceitos

meditarei" (v.15). A meditação exige tempo. Todavia não encontramos um bom cristão que não tenha livremente conseguido tempo para devoções particulares. Alguém perguntou a C. A. Tindley qual o segredo de estabelecer em Filadélfia uma grande congregação com 7.000 membros. Ele respondeu: "Tenho feito regra da minha vida estar no meu gabinete todos os dias às cinco horas da manhã para duas horas de meditação sobre a Palavra de Deus e oração. É este o segredo!"

Segundo, "Não me esquecerei da Tua palavra" (v.16). Citar e repetir as promessas. A prata mais fina perde o brilho com a falta de uso. A espada mais cortante só mantém o gume quando constantemente afiada. Se você ainda não começou a trabalhar na memorização das Escrituras, por que não fazê-lo hoje?

A Bíblia é uma carta pessoal do nosso Pai Celeste. Estimemo-la acima de todas as posses terrenas. Escondamos diariamente

suas verdades e promessas no lugar secreto da memória. Isso fará deste dia e de cada dia, um dia melhor.

□

## ESCRITURAS INSPIRADAS (E QUE INSPIRAM)

—EUGENE L. STOWE Superintendente Geral





## A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO —JORGE DE BARROS

Há dias, ao alugar um automóvel, informou-me a agente: “Seu carro tem telefone”. E lá sai pela estrada com o aparelhinho que me garantiria, prometeu ela, “manter contacto com qualquer ponto do país ou do mundo”.

O problema é que minha mulher e eu estávamos em férias e, num sentido, apreciaríamos evitar por uns dias contactos profissionais “com o resto do mundo”, atender ao telefone incessante do escritório e até da casa. Mas a agente insistira: “Será bom levá-lo, caso tenha um pneu furado, precise de ajuda...”

Esta é a era da comunicação em que aparelhos sem fio nos permitem falar a alguém na China ou no outro lado da rua, chamar mecânicos ou perguntar que rumo tomar numa encruzilhada. Todavia, a facilidade de falar levanta uma questão importante: quanta comunicação é feita nesse palavreado todo que invade o espaço familiar e internacional?

Uma caricatura recente, ironicamente intitulada *Comunicação*, mostrava vários quartos numa casa. Na sala de estar, achava-se o pai de olhos grudados ao televisor. Na cozinha, a mãe falava ao telefone. Num quarto, o filho mais velho escutava música numa pilha de aparelhos electrónicos ajustados ao máximo. No outro, a filha trazia ao ouvido os auscultadores dum toca-cassetes portátil. A casa vibrava de sons, todos ouviam vozes, mas nenhum deles se comunicava com ou como família.

Entende-se por comunicação a “transmissão de informações ou de inteligência entre pontos de origem e de recepção sem alteração da sequência ou estrutura do conteúdo das informações”. Salientam-se neste conceito quatro elementos: o que transmite, o destinatário, a mensagem e o tempo de transmissão/recepção. Qualquer deles é básico à comunicação. O receptor nada capta sem o transmissor. Este nada tem a dizer sem uma mensagem definida; e se há defasamento entre o tempo de falar e o de escutar, tudo se perde no espaço, como se tentássemos sintonizar uma estação que já saiu do ar.

Temos visto progressos fenomenais na mecânica da comunicação: falamos até de veículos em movimento, escutamos sinais vindos dos confins do espaço, digitalizamos sons e fraccionamos o tempo em nanossegundos; micro-amplificadores de colocar no ouvido, disfarçados em aros de óculos ou mesmo implantados no tímpano, possibilitam a audição a pessoas antes consideradas surdas. Mas à medida que se aperfeiçoa cada elemento isolado, alarga-se o abismo entre eles e desaparecem os laços que os devem sincronizar para comunicação efectiva.

Quando Jesus exclamou “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”, não se dirigia a uma audiência na qual se achavam surdos (Mateus 11:15). Antes, falava Ele da determinação de escutar, usando recursos existentes em cada um de nós.

Felizmente, nada há que tenhamos de alugar, comprar ou adquirir para melhorar a comunicação na família, na igreja

ou em qualquer outro agregado. O problema não reside na articulação de palavras, mas na acertada decodificação de mensagens. Pode-se até dizer que há um excedente de eloquência, jorros de palavras produzidas à velocidade do som. Precisamos de aprender a escutar. Oswaldo Chambers escreveu sobre "a devoção de ouvir", considerando-a obediência devida a Deus. "Fala porque o teu servo ouve", foi o prelúdio duma revelação divina a Samuel, o jovem que lideraria um povo (I Samuel 3:10).

Na cidade do Lago Salgado, em Utah (EUA), há um templo famoso pela sua acústica. Do fundo do santuário pode-se ouvir o barulho dum alfinete lançado ao soalho junto à plataforma distante. Turistas emudecem e sustam a respiração esperando ouvir a queda do alfinete. É curioso pensarmos em quantos pequenos sons podemos ouvir quando guardamos silêncio: uma alma que geme, um pedido de socorro, uma recriminação justa, uma amizade autêntica, um amor a ser apreciado e correspondido.

Calcula-se que apenas dezasseis por cento da comunicação social é feita por palavras. Os restantes 84% dependem de gestos, expressões fisionómicas, linguagem do corpo, entonações e até cadências e pausas. Há eloquência no silêncio. A comunicação é enriquecida pela disciplina de escutar e observar, muito mais do que pela aquisição de amplificadores de som ou maquinas de falar. A voz por vezes julgada mais distante, a de Deus, se torna em realidade a mais próxima quando me calo diante d'Ele. Com o hinólogo,

*Desejo escutar essa voz  
Do meu Salvador carinhoso,  
Pois a comunhão com Seu  
coração  
Ao meu dá sempre gozo.  
(L.A., 32)*

# O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XX—Número 6  
Junho, 1991

## NESTE NÚMERO

ESCRITURAS INSPIRADAS (E QUE INSPIRAM).....	2
<i>Eugene L. Stowe, Super. Geral</i>	
A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO .....	3
<i>Jorge de Barros</i>	
LIÇÕES DA AVEZINHA .....	5
<i>Eugénio R. Duarte</i>	
MÃE, DEUS DISSE NÃO .....	6
<i>Morris Chalfant</i>	
ATITUDES QUANTO À MATERNIDADE.....	8
<i>James C. Dobson</i>	
ÁLBUM DAS IGREJAS.....	9
HARMONIA NO LAR.....	10
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
COMO ARRUIRAR UMA REUNIÃO FAMILIAR.....	12
<i>James Hamilton</i>	
EXPERIÊNCIA — A MÍSTICA DO METODISMO .....	14
<i>Josué E. Dornellas</i>	
NO PRINCÍPIO .....	16
<i>Louie E. Bustle</i>	
TODA A MULHER É IMPORTANTE.....	18
<i>Ruth Gibson</i>	
SUSANA WESLEY: UM TRIBUTO À MÃE DO METODISMO .....	19
<i>H. McGonigle</i>	
LUGAR ACOLHEDOR (P. Devocional) .....	22
LÍDERES DA SNMM: DEDICADOS A SERVIR OUTROS (P. Missionária) .....	23
ORAÇÃO E SALVAÇÃO .....	24
<i>Acácio Pereira</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS .....	25
O CAMPO É O MUNDO .....	26/27

### Fotos:

Capa — J. Barros; p. 5 — H. Halliday; p. 10 — H. Lambert; p. 12, 13 — D. Gomes;  
p. 26, 27 — E. Lima.

BENNETT DUDNEY, Director Geral  
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

ACÁCIO PEREIRA, Redactor  
ROLAND MILLER, Artista

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, EUA. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, EUA. Direitos reservados (1991) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, EUA.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1991) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, USA.

Lições

da Avezinha

—EUGÉNIO R. DUARTE



Visitávamos o Brasil. Por gentileza, um irmão proporcionou-nos um dia de visita cultural ao famoso centro metropolitano paulista. A melhor hora da jornada foi passada no MASP — Museu de Artes de São Paulo.

Entre os vários artistas evocados, figura uma avezinha cujo nome não nos ocorre. A arte exposta é um pequeno ninho construído com desperdícios de certa fibra e encontrado nas imediações de uma fábrica.

Na arte de viver somos aprendizes e não quisemos perder as lições da artista cuja figura, há dois meses, ocupa indelevelmente a nossa memória. Ninhos são obras de aves. O homem parece-se com as grandes e cada vez mais sofisticadas obras das fábricas.

Qualquer de nós se julga realizado quando nos ocupamos em projectos ou empreendimentos de grande envergadura. Pastores e dirigentes leigos são, na verdade, obreiros de tal nível de aspiração. Quantas vezes, porém, as coisas não resultam de acordo com os planos traçados? Certamente isso terá acontecido algumas vezes a todos. O entusiasmo nos moveu a acções apressadas que resultaram em perda de algumas peças do conjunto com que desejámos reabilitar uns, orientar outros e ganhar muitos mais. Outras vezes a inexperiência não respeitou as nossas intenções e falhámos. Importa responder se aceitamos mesmo a realidade.

Onde e como ficaram os desperdícios da matéria prima que tencionávamos aplicar no nosso "grande projecto"? Se o Reino de Deus só tem galerias para os grandes, perdemos tudo. Mas é certo que não. E aquilo que normalmente se vê como desperdício pode valer, se nos humilharmos o suficiente para

aceitar o desafio da tarefa de catar com paciência as partículas da obra quase feita, essas que ficaram dispersas e não interessaram ao inimigo ou porque o Senhor as guardou do alcance dele.

Há perdas que não resultam de inexperiência ou inaptidão. Não considerando a causa ou origem, desafiam sempre a nossa capacidade de resistir e de começar de novo.

Regressámos à casa uma semana depois da visita ao MASP. Na bagagem, com o mesmo carinho com que colocámos pequenas lembranças para a família, vieram as lições da ave. À chegada absorvíamos com avidez as notícias de quase um mês de ausência. Eram todas boas, até ouvirmos uma que nos surpreendeu e abateu. Misteriosamente, o carro que deixámos na garagem se incendiara. Sem cobertura de seguro, o desapontamento foi enorme. Quanto custou tê-lo! E não podíamos recomeçar com o desperdício?

Foi com desperdício que a avezinha fez a melhor obra de que é capaz — um ninho, expressão de amor, de acção, de persistência, de vida em conjunto. Se aprendermos as lições teremos um espaço no MAIS — Museu de Artes da Igreja do Senhor (se se nos permitem a figura, já que no Reino não há museus) e nos deixarmos orientar sempre pelo princípio de desejar MAIS, mas nunca sem estarmos prontos a investir MAIS e construir MAIS.

Inventariando as realizações no final de uma etapa é comum aos espíritos esforçados a pergunta: "Que foi que eu consegui?" Na resposta, não só a lembrança de ter sonhado alto, como também a vontade de vir a conseguir MAIS.

Como o autor do hino 234 (L.e A.) suplicamos: Ensina-nos, Senhor a dar continuidade à obra que aceitarás no "MAIS", vivendo com mais mansidão, mais calma, mais paciência, mais rectidão, mais força, mais ternura, mais humildade e, enfim, mais como Cristo. □

Um menino viu um trem eléctrico na montra de uma loja, aproximadamente um mês antes do Natal. Ele disse à mãe que oraria todas as noites para receber aquele brinquedo como presente. Entretanto, sua mãe era uma viúva que costurava para alimentar a família e sabia que nunca poderia comprar um brinquedo tão caro como este para o filho. Mas temia que ele perdesse a fé em Deus se suas orações não fossem respondidas.

O Natal chegou, mas não o trenzinho. E aquela noite, a mãe se ajoelhou ao lado do menino de dez anos enquanto ele fazia suas orações. "E espero, Joãozinho," disse ela, "que não estejas muito triste porque Deus não respondeu o teu pedido."

A criança olhou para a mãe e respondeu, "Porque, mãe? Deus respondeu. Ele disse: Não."

A oração não é a fórmula mágica pela qual pedimos a Deus que faça tudo o que pensamos ser Sua obrigação fazer. Rotulamos muitas de nossas orações como não respondidas porque erradamente supomos que haja apenas um tipo de resposta. Se procurarmos a ajuda de Deus para uma necessidade e Ele não nos atende da maneira exacta como esperávamos, nossa primeira inclinação é dizer que Deus não respondeu a oração.

## “MÃE, DEUS DISSE NÃO”

—MORRIS CHALFANT

O amor algumas vezes requer um “não” porque nossas crianças geralmente pedem sem saber o que seria melhor para elas. Mas amamos nossos filhos na mesma, tanto quando não podemos dar o que pedem como quando lhes damos precisamente o que querem.

Deus algumas vezes diz não. Esta é uma lição que devemos aprender em nosso relacionamento com Ele. Como Pai Celestial, Deus às vezes diz não às orações mais sinceras. Como Seus filhos, talvez nos perturbemos tanto com a negativa de Deus quanto nossas crianças quando temos de lhes recusar algo pedido.

Consideremos o caso de oração por cura divina. Fazendo-se um apanhado geral, há provavelmente mais fé na cura divina na comunidade cristã hoje do que em qualquer outra época da história recente.

Na realidade, só uma espécie bem marcante de cepticismo rejeitaria a massa tanto de testemunho como de evidência que podem ser fornecidos, para apoiar a crença de que Deus realmente cura em resposta à oração—no dia de hoje! Não quero com isso dizer que toda a pessoa por quem se ora é curada. E nem que a resposta de Deus a um pedido de cura seja sempre sim. Não somente nos dias de hoje como também nos tempos bíblicos, a resposta algumas vezes é não.

E uma pessoa forte como o Apóstolo Paulo

diz-nos que tinha “um espinho na carne” (interpretado por muitos estudiosos como sendo algum tipo de aflição física). Ele também nos diz que “três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.” Mas a resposta foi “A minha graça te basta” (II Coríntios 12:9).

Atos 28:8 registra a cura do “pai de Públio” depois de Paulo lhe impor as mãos e orar. Entretanto, em II Timóteo 4:20, Paulo menciona o facto de que ele deixou em Mileto um de seus colaboradores Trófimo, “doente”.

Se o Apóstolo Paulo estivesse hoje vivo, seria indubitavelmente confrontado com a questão de “não seguir à letra” a doutrina. Porque não orou ele a oração de fé por Trófimo (se é somente isso que envolve uma cura)?

Alguns teriam respostas loquazes quanto a esta situação. Acusariam Paulo ou Trófimo de falta de fé, pecado oculto ou alguma outra falta, sugerindo que, sendo apropriadas as condições, a cura sempre virá.

Pode muito bem ser verdade que algumas falhas concernentes à cura devam ser atribuídas à fraqueza de fé. Outras curas potenciais são indubitavelmente bloqueadas por causa de atitudes incorretas e resistência em lidar honestamente com Deus e

homens.

Mas depois de todas estas afirmativas, permanece ainda um resíduo considerável de falhas não explicadas. A não ser que queiramos colocar um considerável ponto de interrogação sobre a vida, experiência e fé cristãs de homens de vulto como Paulo, seria melhor simplesmente admitirmos que algumas vezes a resposta de Deus é não e, que por razões além de nosso finito entendimento, a cura é algumas vezes negada.

Quando meu filho Eric tinha cinco anos de idade, decidi inscrevê-lo em lições de natação. Ele estava entusiasmado mas nem de longe pronto para a disciplina que seu instrutor exigiria dele. O menino sorridente e ansioso que fora cheio de entusiasmo para as lições de natação, retornou à noite, desencantado e de cara comprida. E na semana seguinte, Eric estava em lágrimas. “Não quero ir, tenho medo, pai. Por favor, posso parar com minhas aulas de natação?”

Seus pedidos tocaram-me o coração. Mas conhecendo o temperamento de Eric e como ele adorava a água e também nadar em dias quentes, tive que fechar os ouvidos aos seus pedidos. E respondi—para o seu próprio bem: “Não filho. Tenho de insistir que continues as aulas de natação. Elas te farão muito bem.”

A lembrança deste incidente ajuda-me a relacionar

as negativas de Deus com algumas das orações que tenho orado pela cura dos membros de minha igreja. Algumas vezes Deus diz não porque Ele percebe que o afligido pode precisar da disciplina de algum tempo calmo e de solidão, para assim chegar mais perto d'Ele. Não devo citar isso como a única razão pela qual Deus responde não a orações por cura, mas há aqui uma verdade que precisamos aprender.

Como devemos reagir quando Deus diz não? Algumas vezes reagimos como nossas crianças em seus maus momentos, quando não conseguem o que querem. Mas quando consideramos quão

grandioso e maravilhoso é nosso Pai Celestial, geralmente reconhecemos que quando Deus responde sim ou não, qualquer das respostas é baseada na afeição e preocupação que só o amor divino pode manifestar. À medida que crescemos em nossa experiência cristã, descobrimos que se torna mais e mais fácil aceitar o inaceitável da mão amorosa de Deus.

Quando Deus diz não, devemos ancorar-nos firmemente na nossa fé em Deus. Podemos ser tentados a questionar e duvidar, mas devemos manter Deus no centro de nossa vida. Se não o fizermos, correremos o risco de passar a vida inteira rendendo-nos como escravos a nossas questões e dúvidas.

Devemos também ter sempre em mente que

nunca é errado perguntar "Porque?" Mesmo Cristo na Cruz perguntou "Porque?" Por instantes pareceu que Deus O havia desamparado, mas como a Ressurreição tão positivamente revelou, foi meramente a escuridão daquela hora a causa de Jesus ter perdido a visão do Pai.

Quando Deus diz não, devemos confiar nosso futuro incerto às Suas mãos.

Estamos dispostos a aceitar um não de Deus, dispostos que Ele utilize nosso

"espinho na carne" para nos tornar mais humildes e mais serviçais ao Reino? Aqui está o verdadeiro teste da grandeza do carácter cristão. A maioria de nós tem bastante



espaço nesta área para crescimento espiritual, até que possamos dizer como Paulo: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas... nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias

por amor de Cristo. Porque quando sou fraco, então é que sou forte" (II Coríntios 12:9-10).

Quando Deus diz não, apegue-se a Ele e confie n'Ele. "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, e o mais ele fará (Salmo 37:5). Lembre-se de que a graça de Deus pode transformar um desapontamento material em triunfo espiritual, através do qual nos tornaremos mais úteis e felizes.

Deixar de receber qualquer resposta é a sorte reservada a descuidados e profanos. Receber uma resposta de Deus, seja ela sim ou não, é uma honra que abençoa a alma. □



## ÁLBUM DAS IGREJAS

Compartilhe com os leitores de O ARAUTO DA SANTIDADE uma página do "álbum" da sua igreja; envie fotos que, uma vez publicadas, lhe serão devolvidas. Mande também legendas com nomes e explicações de interesse. Pode fazê-lo hoje?

### ROMAGEM DE SAUDADE

Após 42 anos de ausência, Kiddy (Howard) Sullivan, filha dos missionários pioneiros Everette e Garnet Howard, regressou de visita às Ilhas de Cabo Verde. Acompanhou-a o marido, Dr. Bill Sullivan, director da Divisão de Crescimento da Igreja. Participaram com testemunho, mensagens e num seminário para obreiros na 37ª Assembleia Distrital, realizada no templo do Mindelo, Ilha de S. Vicente, de 21 a 23 de Agosto de 1991. Entretanto, deslocaram-se também à Praia para visita à cidade onde ela passara os anos da infância e da adolescência. Não sendo embora dia de culto, vários irmãos acorreram ao templo da capital para os saudar. Cantaram e oraram juntos.

Na foto, a irmã Annie Ferro, à esquerda, faz a apresentação dum "mimo" aos visitantes.

Na segunda foto, senhoras amigas dos Howard (*da esq. p. a dir.*), Lina Correia, Lia Silva e Isaura Andrade, acompanharam Kiddy Sullivan à residência onde viveu durante os anos em que seus pais lideraram o trabalho nazareno em Cabo Verde. □

**Pergunta:** Que resposta você tem para aqueles que dizem que é monótono e cansativo ser-se mãe e esposa?

**Resposta:** Eles estão certos—mas deveríamos reconhecer que praticamente qualquer outra ocupação é também monótona. Quão excitante será o trabalho de uma telefonista que liga e desliga conexões do painel de distribuição o dia todo—ou um patologista, médico que examina lâminas microscópicas e culturas de bactérias, de manhã à noite—ou um dentista que passa a vida inteira perfurando e enchendo, perfurando e enchendo dentes—ou um advogado que lê livros empoeirados em uma biblioteca isolada—ou um autor que escreve página após página, após página?

Poucos de nós temos excitação constante em cada momento de nossas vidas profissionais. Numa viagem a Washington D.C., na semana passada, meu quarto de hotel era contíguo ao quarto de um famoso violoncelista que estava na cidade para dar um concerto clássico naquela noite.

Eu podia ouvi-lo através das paredes, enquanto ensaiava, hora após hora. Ele não estava executando belos trechos sinfônicos mas, sim, repetia escalas e tons e exercícios, vez após vez, após vez. Este treino começava cedo de manhã (acredite-me!) e continuava até à hora do concerto. Quando ele se apresentou no palco naquela noite, tenho certeza que muitos indivíduos na audiência pensaram: "Que vida fascinante!"

Qual fascínio! Acontece que eu sabia que ele havia passado o dia inteiro no seu quarto solitário de hotel em companhia do violoncelo. E instrumentos musicais, como você sabe, são péssimos conversadores. Não, eu duvido que o trabalho de uma dona de casa e mãe seja bem mais monótono do que a



## Atitudes Quanto à Maternidade

—JAMES C. DOBSON

maioria dos outros, particularmente se a mulher se recusa a isolar-se do contacto com outros adultos. Mas no que concerne à importância do trabalho, *nenhum* outro pode competir com a responsabilidade de formar e moldar um novo ser humano.

Deixe que eu lembre às mães mais uma consideração importante: você não estará sempre encarregada desta responsabilidade. Seus filhos estarão consigo por um breve período de anos, e cedo as obrigações que você agora tem

não serão mais do que fracas memórias. Aproveite cada momento destes dias—mesmo nas horas difíceis—e goze plenamente a satisfação de ter feito bem o seu trabalho!

**Pergunta:** Como se sente a respeito do homem fazer a sua parte do trabalho no lar e ajudar no preparo das refeições em casa?

**Resposta:** A minha opinião sobre este assunto talvez não me consiga muitas amigas entre as mulheres ao redor do mundo, mas não gosto de ver um homem

trabalhando fora o dia todo e depois ser obrigado a confrontar a responsabilidade de sua esposa quando chega à casa (assumindo que ela não tenha qualquer emprego fora).

Por outro lado, eu não incluíria nesta divisão de trabalho o cuidado de crianças, porque criar filhos não é responsabilidade exclusiva da mãe. Meninos e meninas precisam de seus pais tanto quanto de suas mães e eu certamente não considero o tempo que passo com meus filhos como um favor feito à minha mulher.

Cada noite quando estou em casa, supervisiono seus passos antes de irem para a cama—escovar dentes, banhos, vestir os pijamas, orar e dar quatro a seis copos de água a cada pequeno procrastinador. Isto dava-me alguns momentos a sós com as crianças todos os dias, e tento fazer que seja um tempo divertido.

Quando Ryan ainda usava fraldas, por exemplo, nós fazíamos uma brincadeira com os alfinetes todas as noites. Eu “conversava com os alfinetes” e lhes dizia para não magoa-lo enquanto eu os colocava em sua fralda. “Por favor, não magoem o pequenino Ryan,” eu dizia. “Ele não é um mau menino, ele não está remexendo de um lado pra outro, então eu acho que vocês deveriam tratá-lo bem.” De vez em quando ele mexia demais, reclamando ter de usar fraldas, eu deixava que a pontinha de um alfinete encostasse de leve a sua pele. Ele fazia uma carinha feia e dizia: “Estes alfinetes mal-educados me feriram, pai!” Eu então brigava com os alfinetes e lhes dizia que nunca mais fizessem isso. Parece que Ryan nunca se cansava deste jogo e insistia que eu “conversasse com os alfinetes” todas as noites.

As crianças adoram brincadeiras de rotina, e estes tipos de experiências criativas

podem transformar uma tarefa em tempo de comunhão—se você não estiver cansado demais para se importar com isto.

**Pergunta:** O divórcio realmente é tão destrutivo para crianças quanto nos fazem acreditar?

**Resposta:** Crianças têm impressionante capacidade de adaptação e realmente conseguem “recuperar-se” de alguns traumas e crises severos. Muito depende, logicamente, de quanto conflito eles presenciam e quão sabiamente o pai, a mãe ou qualquer que obtiver a custódia dos filhos seja capaz de lidar com os problemas. Por agora, entretanto, o divórcio é extremamente difícil para as crianças envolvidas.

O comediante Jonathan Winters confirmou este facto quando apareceu como convidado numa entrevista de televisão. O entrevistador pediu ao Sr. Winters que descrevesse sua infância, e repentinamente, ele se tornou sério, à medida que falava. Descreveu então a desintegração de sua família quando ele tinha somente sete anos de idade, e quão profundamente foi magoado pelo divórcio. Disse que as outras crianças troçavam e riam-se dele porque ele não tinha um pai e ele reagia com rancor. Brigava com seus atormentadores e os ameaçava, mas quando estes não estavam olhando, escondia-se atrás de uma árvore para chorar. O Sr. Winters então disse que mais tarde aprendeu a rir para fugir de seus problemas, mas admitiu que todo o seu humor adulto é consequência do sofrimento.

Crianças de lares desmoralizados geralmente aprendem a contender com a sua situação, de uma ou outra maneira, mas o impacto emocional nunca será completamente esquecido. □

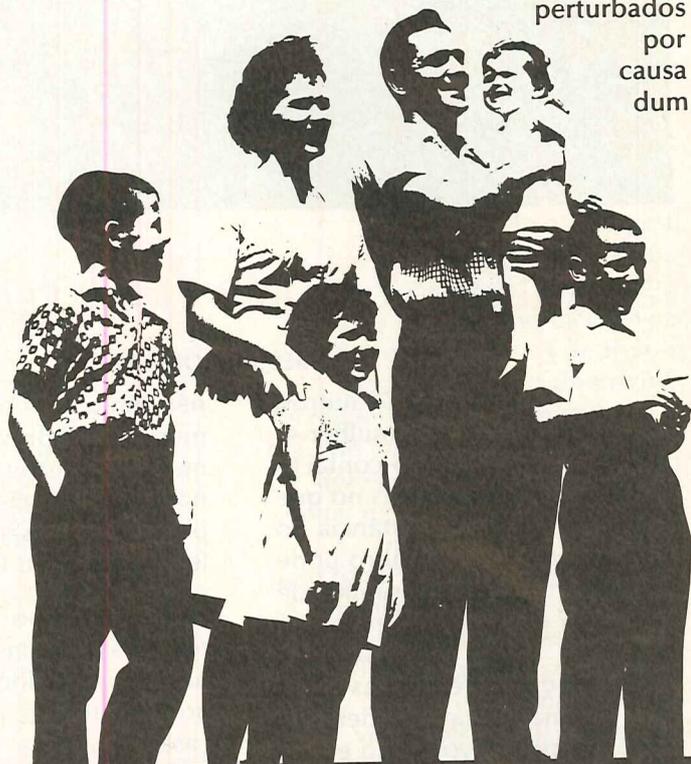
# HARMONIA NO LAR

—EUDO T. DE ALMEIDA

Cada vez se torna mais difícil a harmonia no lar. Escutamos com frequência lamentos como estes: “Sabe, meu marido...minha esposa...meus filhos...meus pais...”. Como Adão e Eva, os queixosos só precisam duma serpente para descarregarem nela a culpa.

Há muitos livros, palestras, conselhos, reuniões e consultas sobre como conseguir-se bom relacionamento no lar. A Bíblia, o Livro por excelência, desde o princípio dá conselhos sábios. Há promessas de êxito neste campo. O perigo surge quando os componentes saem dos limites estabelecidos. “Não removas os limites antigos”, advertem as Escrituras em Provérbios 22:28.

Há muitos lares perturbados por causa dum



barzinho no canto da sala. Todos sabemos do mal do álcool, mas alguns dão-se ao luxo de acarinhar tal "serpente" sem pensarem nas consequências para a família, pois "no seu fim morderá como a cobra e como o basilisco picará. Os teus olhos olharão para as mulheres estranhas, e o teu coração falará perversidades" (Prov. 23: 31-33). O vício do fumo destrói no Brasil mais de cem mil vidas por ano! A droga empobrece o futuro das nações ao penetrar nos lares! A promiscuidade sexual traz infidelidade à família!

Os cristãos têm na Bíblia — nas Epístolas dirigidas às Igrejas e particularmente "aos santos, santificados em Cristo" (I Cor. 1:2) — recomendações dirigidas a todos os membros da família. É fácil compreender-se a dificuldade enfrentada por alguém fora da família de Deus, ao tentar descobrir e pôr em prática o método bíblico para o lar, quando há tantos factores que perturbam os ânimos.

Jesus declarou que o divórcio não existiria se não fosse pelo coração duro das pessoas, razão por que Moisés dera a lei (Marcos 10: 2-9). Também afirmou que "aqueles que Deus ajuntou" nenhum homem deve separar. Deus planejou, instruiu e orienta, mas há muitos casamentos feitos "sob os olhos paternais de Deus", segundo o oficiante, mas realizados por conveniência social, comercial, política ou simplesmente pelo sexo. São casamentos frágeis nos seus alicerces e portanto condenados ao desastre.

A família, mesmo formada dentro da vontade de Deus, não exclui a necessidade, da parte dos cônjuges, de cautela e colaboração mútua. A edificação dum lar não é unilateral. Quando estudava rádio, há anos, o professor explicou que uma corrente alterna poderia ser transformada em contínua se um retificador/condensador fosse acoplado ao circuito. E acrescentou que após a transformação, o símbolo seria uma linha suavemente ondulada. Fiquei atento à explicação e ainda não era casado, mas pensei que o casamento tem muitas "ondulações" causadas pelas diferenças de temperamento, heranças hereditárias, etc.; contudo, a presença do Espírito Santo suavizaria de tal forma as diferenças (ondulações) que não seriam problema. E eu descobri mais tarde que estava certo!

Numa família cristã, em que um dos membros seja carnal, isto é "não tem o Espírito de Cristo", mas haja um que é paciente, perdoador, abnegado, não ressentido ou ofensor, os problemas ainda assim podem ser solucionáveis pagando um preço o lado espiritual. Não há nisso motivo para separação, diz

Paulo (I Cor. 7:12,13).

O que é espiritual deve encaminhar o cônjuge com "espírito de mansidão" (Gálatas 6:1). Que lugar melhor para tal ministério do que o LAR! Estará sempre em jogo o perigo da alma.

Mesmo duas pessoas espirituais terão que vigiar, discernir a distância, pois haverá no cotidiano como que um "leão na esquina", lances imprevisíveis. A vida está tão cheia de problemas e os ânimos tão abalados que os testes são constantes para a avaliação da nossa capacidade de conservar a harmonia do lar. Viver em harmonia é fruto dum cultivo diário do "amor dum coração puro", implantado pelo Espírito Santo (Gálatas 5:22).

Certa esposa levou algum tempo poupando para no dia do Natal fazer uma surpresa ao marido. Este ao entrar em casa e vendo os móveis da sala de jantar — a "surpresa" — disse: "Oh! não, são frágeis para os moços, ficarão partidos em pouco tempo..." E em breve se provou que ele tinha razão, mas o comentário infeliz do marido causou tristeza e, não fosse pela ajuda do Alto, a "dor" levaria muito tempo a desaparecer.

Se Cristo prometeu estar conosco em todo o tempo, certamente Sua presença será tão real como nos confins da terra, tanto mais que se há um lugar no mundo importante para começar um trabalho de evangelização, é o lar! Nós, os pastores, não ficamos de fora porque "se alguém não sabe governar bem a sua casa, como cuidará da Igreja de Deus?" (I Tim. 3:5).

Ninguém precisa receber sugestões sobre quem deve ser o seu cônjuge. Nesse assunto não há lugar para um "Santo António casamenteiro" (os pastores que se cuidem!). Cabe ao Espírito Santo orientar a todos (I João 2:27; Rom. 8:14).

"Alguns lares são como ninhos de passarinho que uma ventania atira ao chão!", disse alguém. Mas, nas palavras de H.V.Dyke, a estrutura do lar é diferente:

**"Eu li num livro de poesia  
uma frase que a página iluminava,  
muros de pedra não fazem uma prisão  
nem barras de ferro uma gaiola!  
Sim, isto é verdade, e algo mais:  
Você verá por onde andar  
que pisos de mármore ou paredes douradas  
nunca um lar farão.  
Mas em qualquer casa onde o Amor habitar  
e a Amizade for um hóspede,  
é certamente um lar, e lar doce lar,  
porque ali o coração descansa."** □

# COMO ARRUINAR

Quando o irmão mais velho soube que festejavam o regresso do filho pródigo, indignou-se profundamente. O que se segue é um relatório de como arruinar uma reunião familiar. Mais ainda, mostra como a auto-justificação pode ficar cega diante da graça. O irmão mais velho estava a trabalhar no campo. Ao chegar perto de casa soube que se festejava o regresso de seu irmão perdido que regressara de terra longínqua. Sentindo-se ferido por esta aparente injustiça, negou-se a participar na festa. A sua recusa era tanto uma expressão de egoísmo como de auto-justificação. Não lhe importava o facto do irmão ter regressado com saúde. O seu egoísmo prejudicou a reunião e todo o sistema familiar. Ele é que estava certo e o irmão errado! Podia examinar o desvio do irmão com visão microscópica, mas revelava cegueira perante a sua própria maldade. Não compreendia que lhe era mau permanecer

obstinado nessa posição.

À ira acrescentou o ressentimento. Estava amargurado porque tinha permanecido em casa a trabalhar aparentemente sem reconhecimento. Disse ao pai: "Eis que te sirvo há tantos anos..." É duvidoso que tal tenha acontecido, pois o pai tinha criados. E acrescentou: "Sem nunca transgredir o teu mandamento". Se assim fosse, teria sido a primeira vez na história que um filho obedecia

perfeitamente..

A auto-justificação procura equiparar a bondade às obras. Não consegue vislumbrar que relacionamentos antecedem e ultrapassam as obras.

O irmão mais velho sentiu-se desprezado: "Nunca me deste um cabrito, para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, este teu filho... mataste o bezerro cevado" (Lucas 15:25-30). Ele queria dizer que "não é justo". Realmente não há justiça nas obras mas também nada se merece na graça. É o que significa graça: *favor imerecido*. A auto-justificação foca o que se merece; a graça, o que se necessita.

O irmão mais velho também era obstinado. Não quis entrar. O pai saiu e pediu-lhe que mudasse de ideia, mas ele recusou. A família tinha-se dividido antes pelo pecado; fragmentava-se agora pela auto-justificação. O irmão mais velho perdera de vista que a sua túnica de auto-justificação não passava de trapos, comparada à "vestidura elegante" da graça. Lemos em I Coríntios 13:5 que o amor não guarda uma lista dos males que lhe fazem; nem das coisas boas.

Também mostrou ciúmes. Chamou ao irmão pródigo "este teu filho". Tanto o servo como o pai tinham-no chamado "teu irmão". Se o critério para pertencer a uma família fosse conduta perfeita,





## UMA REUNIÃO FAMILIAR

haveria hoje muita gente deserdada.

A atitude do irmão mais velho foi injustificável. O pai disse-lhe: "Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas". O filho agia como se tivesse sido deserdado. A maior decepção para uma pessoa que se auto-justifica é ser boa "para nada" ou não receber algo em troca.

O irmão mais velho comparou o seu comportamento ao do irmão. Parece estar a dizer ao pai: "Como pôde ele fazer isto?" Na realidade, porém, está a perguntar: "Como me fizeste isto a mim?" A graça destrói a base em que se fundamenta a auto-justificação. Talvez não fosse tanto a maldade do pródigo que mais o incomodava mas, antes, a sua bondade ignorada.

Um dos temas centrais do livro de Jó vem na pergunta que Satanás fez a Deus sobre o homem que O servia e era bom sem que para isso esperasse recompensa. A vida de Jó, tantas vezes provada, demonstrou que efectivamente ele estava disposto a servir sem esperar recompensa.

Jesus falou acerca da justificação que busca a atenção dos outros. Disse: "Quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé, nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão" (Mateus 6:5).

O irmão mais velho pensou que as suas boas obras não tinham sido vistas pelo pai mas, em oposição ao prémio dos hipócritas, nem pelas boas acções fora recompensado. Ele não compreendeu que a bondade tem em si mesma a recompensa.

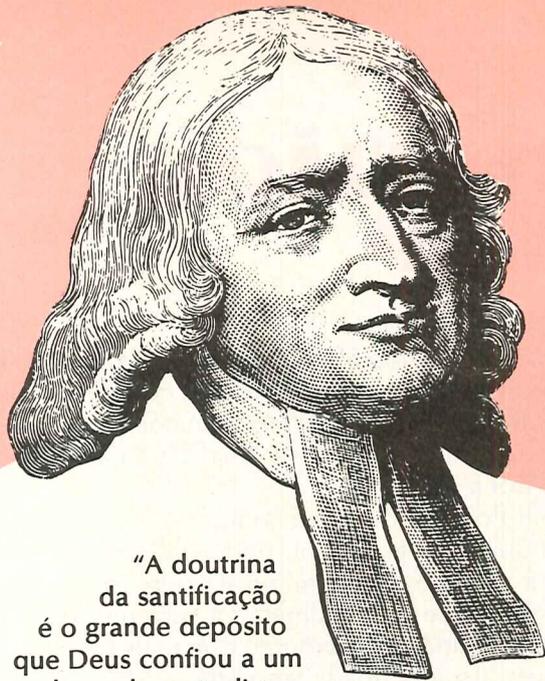
O filho pródigo podia "ver" melhor o pai ao longe do que o irmão que vivia perto. Aqui reside a tragédia do irmão mais velho: a aproximação não produz piedade. O pai disse do pródigo: "Este meu filho estava morto e reviveu..." (Lucas 15:24). Reviveu pela graça de Deus. Tragicamente, o irmão mais velho estava morto e nunca revivera, porque nunca chegara a entender o amor do pai ou a natureza da graça.

Por isso, a auto-justificação o separara da celebração. A graça une; a auto-justificação separa.

Esta reunião familiar ficou arruinada por ressentimentos, obstinação e ciúmes; os mesmos elementos que podem ainda hoje prejudicar qualquer família ou igreja. Aliás, não passavam de manifestações de algo mais profundo, a auto-justificação.

Não é de estranhar, pois, que o irmão mais velho recusasse entrar. A auto-justificação nunca se sente em casa com a graça. □

—JAMES HAMILTON



"A doutrina da santificação é o grande depósito que Deus confiou a um povo chamado metodista, e para a sua propagação nos deixou existir", nas palavras de João Wesley; e a *experiência* é o ponto alto do movimento. Mas um dos problemas da comunicação da doutrina é sua terminologia. Ao estudarmos o movimento wesleyano da santidade, vemos que a "segunda bênção", propriamente dita, termo empregado por Wesley, tem sido descrita de diferentes modos. As pessoas santificadas inclinam-se a designar a bênção pela sensação que esta lhes produz, ou que esteja em harmonia com as suas experiências emotivas. Entre as expressões usadas, acham estas: "Perfeição Cristã", "Santidade Cristã", "Inteira Santificação", "Segunda Obra da Graça", "Amor Perfeito", "Batismo com o Espírito Santo", "Descanso da Fé" e outras.

Nos círculos metodistas muitos se opõem a estas terminologias, especialmente a da "Segunda Bênção", dizendo: "Não somente tenho recebido duas, mas dezenas e centenas de bênçãos". É estranho que, assim dizendo, se negam a crer naqueles que declaram ter recebido, pelo menos, uma "segunda bênção". Com isto vamos afastando de nossas igrejas os melhores membros, pois estes, buscando uma experiência maior e mais profunda, não querem ficar estagnados como se a profissão pública de fé fosse o princípio e o fim da vida cristã. É bom lembrarmos as palavras do iniciador do metodismo: "Vamos adotar, como regra, logo que as pessoas são justificadas (primeira bênção), insistir para que prossigam até a perfeição (segunda bênção)" (os parêntesis são meus).

Alguém poderá pensar que a doutrina de uma "segunda bênção" empobrece o plano da redenção. Mas a santificação não entra em conflito com a regeneração. Esta é uma obra perfeita em si mesma, e não precisa ser melhorada. A santificação tem outro objetivo, e exerce uma obra inteiramente

Um pastor metodista brasileiro escreve  
e aborda um tema comum a todos

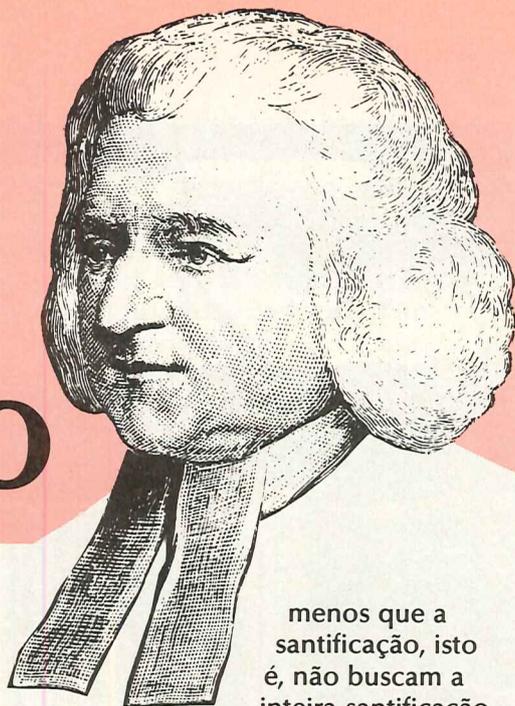
# EXPERIÊNCIA — A MÍSTICA

diferente. E aqui me apoio novamente em Wesley: "Podeis obter uma vitória crescente sobre o pecado, a partir do momento que sois justificados. Mas isto não é o suficiente. O "corpo do pecado", a "mente carnal" precisa ser destruída; o "velho homem" deve ser morto; do contrário, não poderemos revestir-nos do novo homem criado à imagem de Deus em retidão e santidade; e isto se realiza num só momento. Seria tão insensato dizer que esta obra é gradual, como dizer que a justificação é gradual". Nesta afirmação de Wesley, entra novamente o problema de interpretação: o "corpo do pecado", a "mente carnal" *precisa ser destruída*; o "velho homem" *deve ser morto*.

Devemos entender com clareza que o que deve morrer, porque é neste ponto que surge grande confusão, é a *duplicidade de vida*, mas não o eu, o qual é o centro dela. O eu, isto é, a nossa personalidade, deve continuar. O que deve morrer é o egoísmo ou o *euísmo*, é o modo de vida que surge inevitavelmente quando o eu humano se afasta de Deus. O eu, como tal, é santo e bom porque foi criado por Deus. Torna-se mau, quando começa a fazer as suas próprias decisões fora da vontade de Deus. E não será verdade que o que impede o crescimento espiritual e numérico de nossas igrejas é o "eu carnal", predominante em nosso meio? Por que não prescrever, então, como medida terapêutica, a experiência da "segunda bênção" ou santificação?

Sobre a santificação completa e instantânea, Wesley dá testemunho: "Eu esperava que Deus haveria de cumprir, dentro da minha alma, todas as Suas promessas..." Tais anelos foram satisfeitos, não há dúvida, na memorável Festa de Amor, em Londres, quando ele, Whitefield e outros eminentes metodistas estavam juntos numa reunião. E Wesley continua: "Certa noite, em 1739, eu e meu irmão Carlos e os irmãos Whitefield, Hall, Kinchin, Ingham, além de cerca de 60 outros, permanecemos em oração a noite inteira. Lá pela madrugada, mais ou menos às três horas, enquanto buscávamos o

# EXPERIÊNCIA DO METODISMO



Senhor, o poder do Espírito Santo caiu sobre nós e fomos de tal maneira cheios, que muitos gritavam de prazer celestial e outros caíram ao chão. Logo que nos recuperamos do inesperado daquela gloriosa visitação, começamos a cantar louvores:

“Louvamos-Te, ó Senhor; Porque sabemos que Tu és o Senhor”.

Carlos Wesley, o poeta do metodismo, cria nesta “segunda bênção” e assim a descreve num de seus hinos:

*Dá-nos, Senhor, esta segunda bênção;  
Pela segunda vez; sê limpo;  
Faze-me entrar naquele repouso.*

Stanley Jones, famoso pastor e escritor metodista, cria, como João Wesley, em duas bênçãos distintas: “Ó Cristo, sei que o Teu batismo distintivo é o batismo do Espírito Santo e poder. Preciso reforço interno. Dá-me, então, esse poder que modificará em mim todo o meu teor de vida. Em Teu nome. Amém”.

William Booth, que Deus recrutou do arraial metodista para um ministério entre os piores, fala de sua experiência: “Esta bênção me sobreveio de repente, como o clarão de um relâmpago”.

Infelizmente, nós, metodistas temos uma teologia do Espírito Santo, porém, não temos a experiência como suporte. Por isso, na prática, temos adotado a doutrina calvinista do crescimento na santificação que culmina com a morte, como se esta fosse o instrumento e o agente da nossa santificação. A Bíblia toda é contra a teoria da santidade pelo crescimento. As palavras bíblicas usadas para expressar a ideia de crescimento são inteiramente diferentes das usadas para falar da santidade ou santidade completa. As ordens de Deus nunca contemplam uma santidade futura gradualmente alcançada. Em suma, não é pelas obras mas pela fé; não por realização humana, mas por Deus; não por processo, mas por um ato divino — o batismo santificador do Espírito Santo. Aqueles que buscam uma santificação gradual, buscam praticamente algo

menos que a santificação, isto é, não buscam a inteira santificação.

Tem persistido no nosso meio a opinião de que a santificação é obtida por um processo de crescimento. E o termo que ouvimos é o mais absurdo: “Eu vou-me santificando”. Isto é tão insensato como ouvirmos dum incrédulo a mesma expressão quanto a justificação: “Eu vou-me justificando”. Esperar, pois, a santificação por um processo gradual é pôr esperança numa obra que nunca se realizá.

A santificação é o bendito privilégio dos crentes, como nestas palavras de Jesus: “O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber... vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós” (João 14:17). Portanto, para se obter a *segunda bênção* é preciso uma experiência clara da justificação. A SANTIFICAÇÃO NÃO É SÓ UM FIM, MAS TAMBÉM UM PRINCÍPIO. É aqui, então, que começa o crescimento na graça, detalhe que dá tanta origem, descabida, à santificação por processo.

A santificação é para esta vida. Deus não santifica gradualmente, nem parcialmente ou depois da morte; como também não salva gradualmente, parcialmente ou depois da morte por processo de purgação ou reencarnação. A santificação está ao alcance de todos os crentes verdadeiramente justificados e, se falharmos em possuí-la e perdermos esta oportunidade, a culpa será inteiramente nossa.

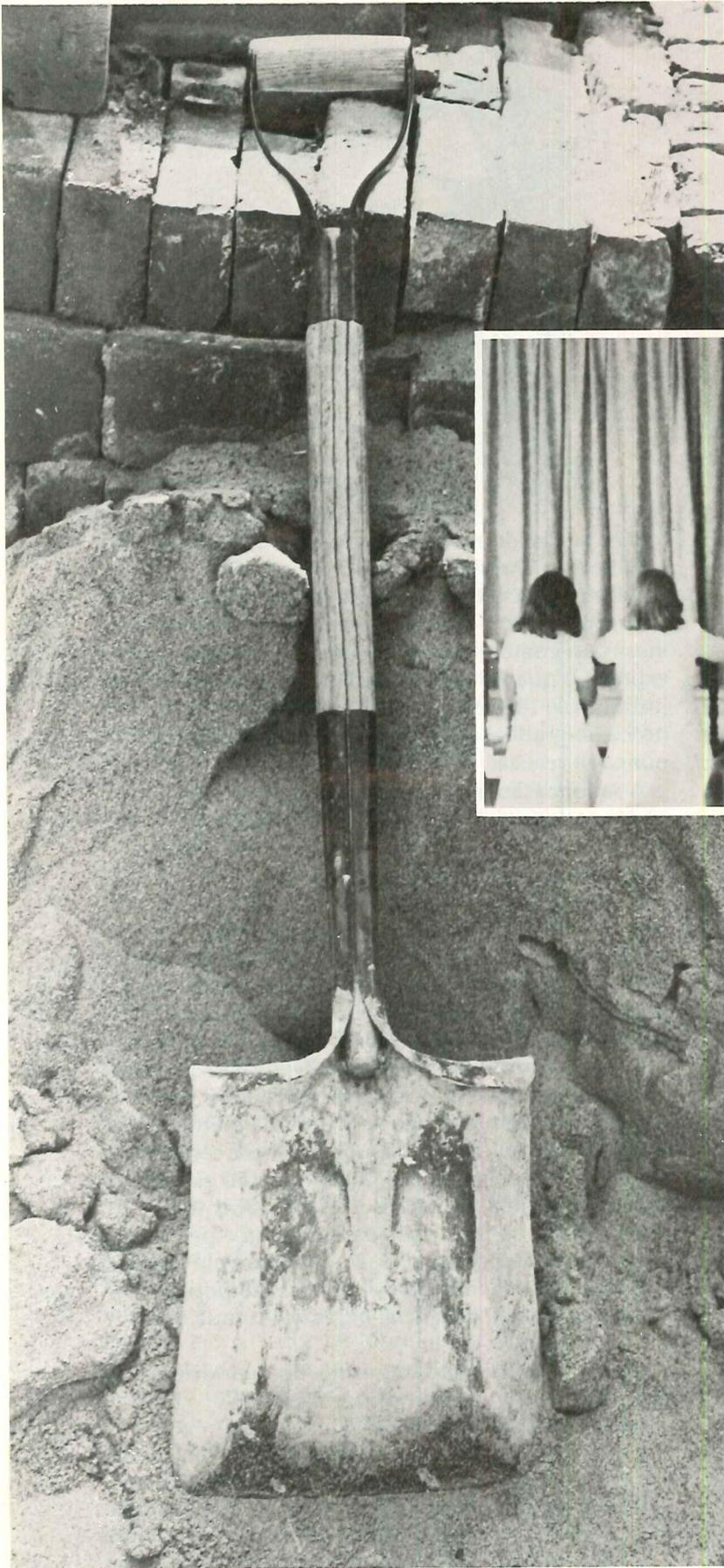
Somente a experiência da santificação poderá tirar a igreja da sua inoperância, improdutividade e acomodação.

Enfim, a experiência é a mística do metodismo. Negá-la é fazer ruir todo o sistema. □

—JOSUÉ E. DORNELLAS

#### Bibliografia

Stanley Jones — *O Caminho*  
João Wesley — *A Perfeição Cristã*  
Everett L. Cattell — *O Espírito da Santidade*  
Enéas Tognini — *Vidas Poderosas*  
A. M. Hills — *Santidade e Poder*



## No Princípio

Eu tive um sonho. E porque a igreja reconheceu a orientação de Deus na nossa vida, esse sonho tornou-se realidade. Ellen e eu trabalhámos quase



O culto de organização da primeira igreja (em prédio emprestado).

quatro anos nas Ilhas Virgens e basicamente acabamos por fazer desnecessária a nossa presença na região. Tínhamos iniciado e organizado três novas igrejas, construído os edifícios necessários e confiado o trabalho à liderança local. Também tínhamos começado as primeiras duas igrejas na ilha de Antigua. Contudo, sentimos que não podíamos restringir o nosso zelo de iniciar igrejas, embora tivéssemos apenas 40.000 pessoas na ilha de Santa Cruz. Precisávamos de fazer mais!

Sonhámos com um lugar mais amplo onde pudéssemos experimentar mais princípios de crescimento da igreja e iniciar um sistema em território bastante grande, que não impusesse limites ao número de igrejas a serem iniciadas. Deus abençoou este sonho e falou ao coração do Dr. Jerald Johnson e do Rev. Bill Porter. De forma miraculosa fomos nomeados pioneiros para o trabalho da República Dominicana. Que excitação ao recebermos tal nomeação!

Estávamos a orar certo dia quando Deus me falou ao coração com um alvo para o novo trabalho de "50 igrejas em dez anos". Parecia um alvo impossível. Alguns pensaram que era demasiado ambicioso e procuraram desviar-nos dele. Até outras denominações estabelecidas na República

Dominicana tentaram desanimar-nos porque nesse tempo poucas igrejas estavam a crescer. Diziam mesmo que o povo não podia sustentar a sua própria igreja.

Nós não podíamos deixar que isso impedisse a nossa visão. Os missionários Jerry e Toni Porter uniram-se a nós pouco depois de chegarmos à República Dominicana. Com o seu apoio, o alvo foi confirmado — 50 igrejas em dez anos.

Ellen e eu fomos a Costa Rica para estudar espanhol durante seis meses, chegando à República Dominicana como os únicos nazarenos com residência no país. Reunimo-nos no domingo de manhã com um grupo de porto-riquenhos e os missionários William e Juanita Porter. O primeiro culto foi no domingo à noite na nossa sala de visitas. Deus abençoou verdadeiramente o trabalho. Pessoas vieram a conhecer o Senhor através da Igreja do Nazareno. Fizemos contactos em várias partes do país. O nosso alvo para o primeiro ano era organizar nove novas igrejas, mas Deus deu-nos doze. Os 53 membros do Grupo de Estudantes em Missão, dos EUA e de Porto Rico, ajudaram-nos no verão seguinte à nossa chegada, a estabelecer algumas das nove igrejas e a começar outras.

Enquanto eu servia como superintendente distrital estava também encarregado dos projectos de construção. Nos primeiros dois anos conseguimos organizar 22 novas igrejas e construir 16 templos com a ajuda de grupos de Trabalho e Testemunho. A educação teológica foi a responsabilidade principal do missionário Jerry Porter; mas ele compartilhou com todos os aspectos da obra, pois éramos uma equipe no ministério. Paulo e Telma Say foram um excelente acréscimo ao pessoal missionário para supervisionar os projectos de construção.

O plano de Educação por Extensão germinou da mente de dois casais missionários e continua sendo um dos grandes segredos do crescimento da igreja desde o México aos confins da Argentina. Ensinamos os alunos onde eles se encontram. Levamos até eles o seminário e, onde trabalham, treinamo-los para o ministério.

Basicamente, foi no primeiro ano que os missionários planejaram as primeiras igrejas. Depois confiámos aos dominicanos a responsabilidade de começarem outras igrejas nas suas respectivas áreas. Eles captaram a visão e concretizaram os alvos.

O Dr. Jerald Johnson deu-nos bons conselhos de como preparar-nos para o novo trabalho. Recomendou-nos mais dedicação à juventude e a não exaurir todos os recursos com as crianças. Reunimos algumas vezes os jovens chamados ao ministério para lhes ensinar acerca da igreja e lhes outorgar responsabilidades pastorais. Tivemos reuniões mensais com os pastores mesmo antes de iniciarmos várias igrejas locais. Reunimos os jovens e

oramos por 50 igrejas em dez anos. Eram tão inexperientes que não reconheciam tratar-se duma tarefa quase impossível. Alguns desses jovens tornaram-se mais tarde líderes importantes. Deus pode do nada fazer grandes coisas.

Nos primeiros cinco anos já tínhamos organizado mais de 50 igrejas. Quando saímos, precisamente antes do sexto aniversário da obra nazarena, existiam 61 igrejas estabelecidas com quinze missões prontas a serem organizadas no ano seguinte. Fora nomeado o primeiro superintendente distrital nacional e cada congregação tinha de uma a três extensões. Deus chamara jovens para pregar o Evangelho de Jesus Cristo. Estavam a estudar para o ministério, através da Educação por Extensão, 130 alunos. Muitos deles eram ao mesmo tempo pastores e estudantes.

Deus abençoou o sistema de crescimento da igreja que nós tínhamos sonhado. Líderes nos têm seguido e levado a cabo esta obra. A explosão de crescimento da igreja não parou. Agora há cinco distritos. Todos os superintendentes distritais foram encaminhados como pastores para a Igreja do Nazareno naqueles primeiros seis anos. Que alegria vê-los a exercer liderança e com a visão de edificar o Reino de Deus na República Dominicana! □



LOUIE E. BUSTLE

A • HORA • NAZARENA

# RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS

MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO  
IGREJA DO NAZARENO

# TODA

A MULHER É IMPORTANTE  
—RUTH GIBSON

Vivemos num mundo de mudanças constantes. Os ventos sopram sobre todas as esferas da vida humana. As mulheres, em particular, estão a sentir forte pressão.

Elas encontram-se expostas ao rufar de mil tambores. De forma ensurdecadora ou discreta, o desafio é sempre o mesmo: "Mulheres, despertem! Levantem-se! Unam-se! Exijam igualdade de direitos!"

Por outro lado, também ouvimos: "Há prioridades sociais! Conservem-se caladas! Obedeçam!" Por isso, diante de tal contradição muitas mulheres se encontram angustiadas e confusas. Perguntam: "Que pessoa devo ser? Que devo sentir? Que fazer para ter êxito?"

A situação das mulheres na igreja assume algumas vezes dimensões de crise eclesial. Há evangélicos que vêem a posição da mulher na igreja como assunto delicado e crucial. No entanto, as mulheres têm necessidades emocionais e aspirações únicas que devemos compreender e apreciar. Daí, como igreja, devermo-nos preocupar com suas necessidades e desenvolver um ministério especial para elas nas congregações locais (algumas já nomearam uma directora para este ministério); nos distritos (cuja directora se encarrega dos ministérios femininos e dirige retiros espirituais especialmente para senhoras); e na denominação, que já nomeou uma directora a nível geral para:

- 1) Inspirar e motivar as mulheres a serem o que Deus quer que sejam.
- 2) Orientar os novos ministérios femininos.
- 3) Coordená-los com outros ministérios para adultos.
- 4) Servir de centro para o intercâmbio de informações destes ministérios entre os grupos locais e do distrito.

Por regra, não é nosso propósito sobrecarregar os pastores locais; nem pedir que se dediquem a actividades com o fim de conseguirem que as "dez mulheres mais activas" da igreja se comprometam a trabalhar motivadas por lealdade.

O nosso plano é delinear propósitos; apontar alvos imediatos e de longo prazo; e sugerir como

concretizá-los. Depois, ajudar cada igreja a organizar um ministério para senhoras que se ajuste às suas necessidades particulares. Dada a complexidade e a diversidade de tamanho, bem como a diferença quanto ao nível educacional das nossas igrejas, torna-se difícil organizar um programa adequado para todas. No entanto, quando compartilhamos a nossa filosofia, propósitos e alvos, estamos a promover um ministério que se acomoda exactamente à sua situação.

Cremos que...

\* as muitas e diferentes necessidades das mulheres exigem atenção e devem ser atendidas pela igreja;

\* os dons e talentos das mulheres requerem que sejam activas em ministrar a outros através da igreja nas áreas de enriquecimento espiritual, serviço e evangelismo;

\* o mandato de Deus para edificar o Seu Reino é tão imperativo que todos os cristãos se devem envolver, e as mulheres são um dos grupos principais;

\* para serem activas, elas devem participar no ministério aos outros e permitir que outros lhes ministrem a elas, a fim de manterem equilibrada a corrente de dar e receber.

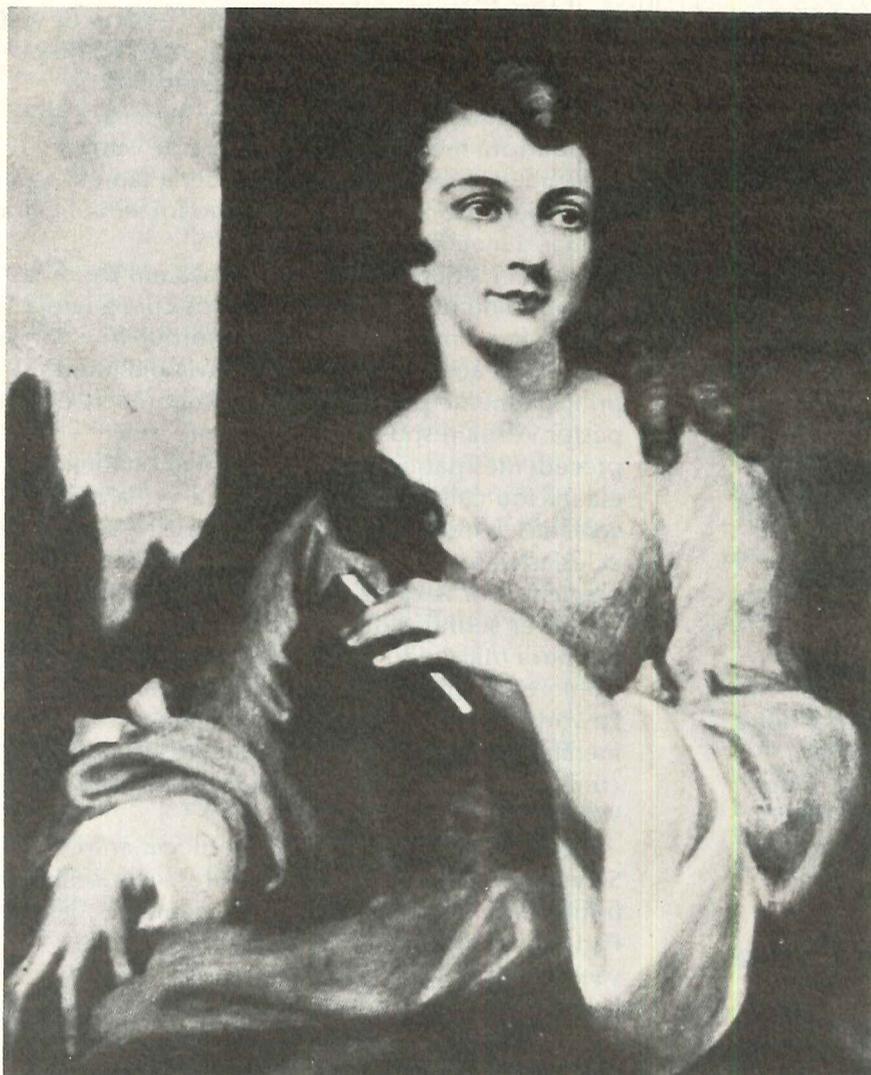
*Propósito:*

1. Desafiar as mulheres, com o amor de Deus demonstrado na cruz, a serem cristãs consagradas.
2. Ministrar aos seus interesses e necessidades específicos.
3. Ajudá-las a desenvolver plenamente as suas capacidades como pessoas envolvidas no ministério.
4. Incorporar as mulheres num ministério útil, digno e criador sob a orientação do Espírito Santo, tendo em conta o seguinte critério: Honra a Deus esta actividade? É por ela edificado o Reino de Deus? Contribui ela para o crescimento espiritual do participante?

O tema de ministérios femininos é: Tudo o que fazemos e dizemos, cada actividade em que nos ocupamos ou programa que delineamos, devem salientar esta mensagem—TODA A MULHER É IMPORTANTE!

# SUSANA WESLEY:

*Um Tributo à Mãe do Metodismo*



—HERBERT MCGONIGLE

Na Rua da Cidade, em Londres, fica a Capela de João Wesley, consagrada por metodistas ao redor do mundo como a "Igreja Mãe" da denominação. Inaugurada por João Wesley em 1778, ela serviu, com sua casa

vizinha, como o lar do reformador durante os últimos 12 anos de sua vida. Ali ele morreu e atrás dela foi enterrado, no cemitério wesleyano onde muitos outros metodistas da época também descansam.

Mas logo do outro lado da Capela de Wesley, na Rua da Cidade, fica o cemitério de Bunhill Fields, que também tem conexões wesleyanas de grande significado. Entre os túmulos no famoso local de descanso de puritanos ingleses, está o de Susana Wesley (1669-1742), mãe de João e Carlos e dezassete outros filhos. De todas as influências humanas que tornaram João Wesley o que ele era—sua descendência, sua família, sua educação obtida em Oxford, seu ambiente da Inglaterra do século XVIII—nada foi mais importante do que a impressão duradoura deixada por sua mãe Susana.

Da mãe de Jesus, Maria, até o presente, a Igreja Cristã tem tido uma infinidade de boas e devotas mães, cujas contribuições à bênção do mundo são simplesmente incalculáveis. Entre estas, o nome de Susana Wesley terá sempre proeminência especial. Talentosa e dedicada, trabalhadora e abnegada, leal e protetora durante anos de extrema pobreza, Susana fez uma contribuição à Igreja de Deus de tal vulto que jamais poderá ser totalmente avaliada.

Recebeu ao nascer o nome de Susana Annesley. Filha do Dr. Samuel Annesley (1620-1696), um dos maiores pregadores puritanos de seus dias, era moça viva, inteligente, devota e cresceu num lar onde as coisas de Deus constituíam sempre os tópicos principais de conversa. Amava seu pai e através dele conheceu, em seu próprio lar, alguns dos melhores pregadores da época. Uma frase de uma carta que ela escreveu muitos anos depois a seu filho João, nos dá uma ideia daquele lar puritano feliz, disciplinado e culto: "Eu lhe direi que regra segui quando era mais nova—nunca passar mais tempo em qualquer assunto de mera recreação do que passava em devoções religiosas privadas."

Susana tinha apenas 13 anos de idade quando tomou

a primeira importante decisão em sua vida. Por anos havia uma crescente disputa entre os Dissidentes Puritanos da Inglaterra, de um lado, e a estabelecida Igreja da Inglaterra, de outro. O Dr. Annesley foi um líder de renome entre os Dissidentes, todas as influências de seu lar foram de origem Puritana, entretanto Susana decidiu associar-se à Igreja da Inglaterra. Ela cuidadosamente leu os argumentos em ambos os lados, sumarizou as questões teológicas discutidas, ouviu os debates em casa de seu pai—então determinou que seria Anglicana. Esta decisão, feita pela menina adolescente, foi profética da mulher; ao longo da vida, em toda a questão de importância, ela cuidadosamente avaliava a evidência, pesava ambos os lados da questão e decidia de que jeito deveria agir. Então, seguia adiante com a questão.

Foi no lar em Londres que se encontrou pela primeira vez com Samuel Wesley (1662-1735), também um filho da não-conformidade que se havia juntado à Igreja da Inglaterra. Casaram-se no Verão de 1689 e, um ano depois, foram nomeados para a sua primeira função pastoral no pequeno vilarejo de Ormsby do Sul, em Lincolnshire, a cerca de 200 quilômetros a Norte de Londres. Permaneceram lá por seis anos, até se mudarem para outra paróquia em Lincolnshire—Epworth. Sob vários ângulos, a história de Wesley realmente inicia em Epworth. Seria interessante seguir a história completa da família Wesley em Epworth; das 14 crianças lá nascidas, dos anos de problemas e pobreza, dos encarceramentos de Samuel por causa de suas muitas dívidas, das frequentes e violentas oposições de alguns de seus párocos. Mas este não é por ora nosso propósito. Interessa-nos a influência de Susana sobre seu 15º filho, João, nascido a 17 de Junho de 1703. Nos importantes momentos de sua vida, a influência de Susana foi decisiva no ensino, treinamento e preparação do futuro “apóstolo da Inglaterra”.

Na noite de 9 de Fevereiro de 1709, o lar de Wesley foi completamente destruído por incêndio, certamente provocado por fogo posto. A família escapou por pouco da morte e foi dramático o salvamento do pequenino João; mas para sua mãe o milagre deveu-se à boa mão de Deus. Em seu diário privado ela escreveu: “Pretendo ser particularmente cuidadosa com a alma desta criança que Tu tão misericordiosamente protegeste... Senhor, dá-me graça para fazê-lo sincera e prudentemente e abençoa com êxito minhas tentativas.”

A oração daquela mãe foi mais do que abundantemente respondida! Todas as crianças foram ensinadas em casa, sua educação se iniciava no dia do quinto aniversário de cada filho. Além de

ensiná-las todas as questões essenciais de uma educação apropriada, Susana ensinou-lhes as Escrituras e as verdades de Deus. Cada criança tinha uma hora fixa durante a semana quando estava sozinha com a mãe, para ser aconselhada e instruída e para que orasse sobre sua vida espiritual. Temos aqui o início do Metodismo—no ensino, disciplina e espiritualidade daquele lar em Epworth.

O tempo privado de João com sua mãe era todas as quintas-feiras e, muitos anos depois, ele lhe escreveu de Oxford, onde havia sido escolhido como Amigo da Universidade de Lincoln. Estava incerto quanto ao caminho a seguir e parte de sua carta dizia: “Em muitas coisas tens intercedido por mim e prevalecido... Se me pudesses dedicar somente aquele pedacinho da quinta-feira à noite que outrora me concedias, embora de outra maneira, não tenho dúvidas que seria tão útil agora para orientar o meu coração como foi, então, para formar o meu bom senso.”

Em 1711, enquanto Samuel estava em Londres cuidando de negócios relacionados com a igreja, Susana ficou muito preocupada porque a frequência aos cultos da igreja havia diminuído, principalmente por causa da incompetência do pastor. A sua resposta foi totalmente sem precedentes naquela época na Igreja Estabelecida; ela iniciou cultos em sua cozinha e, em algumas semanas, a frequência cresceu para 200. Leis eclesiásticas impediam que Susana Wesley pregasse. Por isso, ela lia à sua congregação os melhores sermões que encontrava e também ensinava utilizando outros exercícios religiosos. Como eram aquelas reuniões na cozinha de Epworth, onde fazia parte da congregação o menino João, de oito anos de idade, tão parecidas com as futuras “reuniões de sociedade” de João Wesley!

Ouvindo falar deste “novo acontecimento”, Samuel Wesley escreveu de Londres, aconselhando firmemente Susana a cessar essas reuniões “ilegais”. Parte de sua resposta é uma obra de arte de veemente súplica e irrefutável raciocínio: “Se achares realmente apropriado dissolver esta assembléia, não me digas simplesmente que desejas fazê-lo, pois isto não satisfará a minha consciência; mas envia-me teu comando positivo, em termos tão completos e expressivos, que os mesmos poderão absolver-me de toda a culpa e punição por negligenciar esta oportunidade de fazer o bem, quando tu e eu nos apresentarmos perante o grande e tremendo tribunal de nosso Senhor Jesus Cristo.” A oposição de Samuel evaporou-se!

Durante seus anos na Universidade de Oxford, particularmente antes de se formar, João Wesley

escreveu à sua mãe sobre vários assuntos. Ele pedia sua opinião sobre livros que estava lendo, como também seu conselho sobre problemas teológicos com os quais se defrontava. Sobre Thomas à Kempis ela respondeu: "Considero Kempis um homem honesto mas fraco, com mais zelo do que sabedoria, por sua condenação a qualquer alegria ou prazer como sendo pecaminoso ou inútil, em oposição a tantos versículos nas Escrituras tão explícitos e directos." Mais tarde, numa carta de 1726, ela deu sua definição de pecado, famosa nos dias de hoje, incidentalmente a única citação não bíblica no *Manual* da Igreja do Nazareno: "Utilize esta regra: qualquer coisa que enfraqueça sua razão, prejudique a sensibilidade de sua consciência, obscureça seu senso de Deus, ou tire o gosto das coisas espirituais; em resumo, qualquer coisa que aumente a força e autoridade de seu corpo sobre sua mente, que isto seja pecado para si, não importa quão inocente seja ela por si só."

Quando João lhe perguntou sobre a predestinação, ela respondeu: "A doutrina da predestinação, como mantida por calvinistas rígidos, é muito chocante e deve ser terminantemente rejeitada pois acusa o sagrado Senhor de ser autor de pecado." Quando a resposta completa de Susana, com seu ponto de vista relativo a esta questão é cuidadosamente examinada, pode-se perceber que é idêntico ao que João mais tarde manteve, pregou e defendeu por meio século.

Após a morte de seu marido Samuel em 1735, Susana foi morar com alguns membros de sua família, retornando quatro anos depois à terra natal, Londres, para morar com João na Fundição, agora seu lar e sede do movimento. Passou lá os três últimos anos de sua vida, como membro da "Sociedade Metodista" de João e regozijando-se com o grande trabalho que se estava espalhando por toda a Inglaterra. E mesmo agora sua influência sobre João era crucial. Até então, no trabalho de reavivamento, toda a pregação tinha sido feita por João e outros ministros ordenados. Nesta fase ocorreu um incidente, que teria repercussões extremamente significativas e vastas. O assistente leigo de João Wesley na Fundição, Thomas Maxfield, começou a pregar e, ouvindo isto, João viajou para Londres para repreendê-lo. Percebendo as intenções de João, Susana interferiu: "João, conheces meus sentimentos. E não podes suspeitar que eu favoreceria algo desta natureza. Mas cuidado com o que irás fazer com respeito ao jovem; pois certamente ele também foi chamado por Deus para pregar, assim como tu. Examina quais tem sido os frutos de suas pregações e escuta-o tu mesmo." Novamente João Wesley ouviu o conselho de sua mãe, escutou Maxfield pregar e

concluiu: "É do Senhor, deixem que faça o que lhe pareça apropriado. Quem sou eu para me impor a Deus?" Como teria sido tristemente diferente o desenrolar do avivamento, se João Wesley tivesse ignorado o sábio conselho da mãe.

No dia 23 de Julho de 1742, Susana Wesley passou calmamente para o seu descanso e João escreveu: "Rodeamos sua cama e realizamos seu último pedido, murmurado antes que perdesse sua fala: "Filhos, assim que eu me for, cantem um salmo de louvor a Deus". No domingo, dia 1 de Agosto, ela foi enterrada em Bunhill Fields—e que cena foi aquela! Dois meses antes João tinha pregado próximo ao túmulo de seu pai no jardim da igreja de Epworth, um evento bem conhecido e mais tarde documentado em pintura. Mas não menos impressionante foi seu sermão pregado junto ao túmulo aberto de sua mãe, naquele local de descanso de Daniel Defoe, João Bunyan e um grupo de outros puritanos. Entre os túmulos de homens e mulheres de fé da Inglaterra, ele encomendou o corpo de sua querida mãe, tomando como texto as palavras de Apocalipse 20: "Vi um grande trono branco...vi os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono." Em seu *Diário* ele escreveu: "Foi uma das mais solenes assembleias que eu jamais assisti, ou espero assistir neste lado da eternidade".

Daquela materialmente pobre mas espiritualmente rica residência espiritual em Epworth, a Sra. Wesley preparou sua família, e especialmente João e Carlos, para saírem e abençoarem o mundo. E como foram recompensadas suas orações, conselhos e influência! Seis mil e quinhentos hinos procedentes da pena do filho Carlos—e quem poderá calcular a vida, o trabalho e o bem duradouro provenientes do filho João e do reavivamento, para o qual, sob Deus, ele foi o instrumento escolhido? Graças a Deus por mães cristãs e especialmente por Susana Wesley—a Mãe do Metodismo. □

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura!

Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

*Endereço antigo*

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

**NOVO ENDEREÇO**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_





### LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

- 1 Salmos 61—63
- 2 Salmos 64—66
- 3 Salmos 67—69
- 4 Salmos 70—72
- 5 Salmos 73—75
- 6 Salmos 76—78
- 7 Salmos 79—81
- 8 Salmos 82—84
- 9 Salmos 85—87
- 10 Salmos 88—90
- 11 Salmos 91—93
- 12 Salmos 94—96
- 13 Salmos 97—99
- 14 Salmos 100—102
- 15 Salmos 103—105
- 16 Salmos 106—108
- 17 Salmos 109—111
- 18 Salmos 112—114
- 19 Salmos 115—118
- 20 Salmo 119
- 21 Salmos 120—123
- 22 Salmos 124—126
- 23 Salmos 127—129
- 24 Salmos 130—132
- 25 Salmos 133—135
- 26 Salmos 136—138
- 27 Salmos 139—141
- 28 Salmos 142—144
- 29 Salmos 145—147
- 30 Salmos 148—150
- 31 I Reis 1—4

### VERSÍCULO BÍBLICO

**"Porque o Senhor Deus é um sol e escudo; o Senhor dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na rectidão" (Salmo 84:11).**

### LUGAR ACOLHEDOR

Religião e medo sempre tiveram um relacionamento incômodo. É que o medo da morte, do castigo e do inferno tem levado muita gente a se unir a grupos ou movimentos religiosos. Associado a tudo isto, há o elemento mistério que envolve o sistema litúrgico e teológico de quase todos os credos. Anjos e demónios, vozes e sinais, tempestades e trovoadas, pragas e cataclismos acham-se presentes em narrativas e livros piedosos. A imagem agigantada de Deus ou deuses, em contraste com a pequenez da criatura humana, aumenta ainda mais essa atmosfera soturna associada às religiões.

O conceito evangélico de templos com janelas rasgadas, paredes nuas, altares sóbrios e cânticos alegres até parece sacrilogo às massas habituadas a uma quase auto-mutilação, emocional ou até física, diante dum deus severo mais interessado em receber homenagens do que em redimir e comungar com homens.

Mas esse ambiente alegre não é invenção da Reforma no seu entusiasmo de contrariar uma igreja decadente. É uma redescoberta do que significa aproximar-se alguém de Deus. Cerca do ano 970 a.C., o Salmista observou com encanto: "Até o pardal encontrou casa, e a andorinha ninho para si, e para a sua prole, junto dos teus altares, Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu" (Salmo 84:3).

A afirmação tem imagens que parecem entrar em choque: ninho e exércitos; rei, Deus e homem; casa, altar, pardal e andorinha. A disparidade virá da nossa própria mente, pois nos achamos acostumados a associar pessoas e coisas em classes, isolando-as em círculos onde nos é mais fácil classificá-las e compreendê-las. O Senhor dos Exércitos interessado num pardal? Conceito transcendente demais para a espécie humana cuja ascensão social é marcada por afastamento pomposo e recrutamento de servos designados até para funções básicas como lavar-se, vestir-se, andar e comer.

Pios de pardais junto a altares ninados por cantos gregorianos são notas incomodativas para ouvidos de puristas. Há aqui a tentação de punir o pessoal da limpeza e repreender o descuido de membros da junta da igreja que permitiram a entrada de "palha social" no ambiente anti-séptico do templo. Mas Deus pára a vassoura dos saneadores e acolhe nos Seus altares os mais frágeis do mundo. A Sua casa é lar onde há aconchego para toda a família humana, com dinheiro ou sem ele, com saúde ou com SIDA. O "até" do Salmo inclui a pessoa com quem o porteiro argumentou recusando-lhe acesso. Entremos no santuário franqueado pelas misericórdias do Senhor.

### ORE:

1. Por mães da sua congregação, lembrando também as mães solteiras em situação social desfavorável e com necessidades especiais.
2. Por Tanzania, a 92ª área mundial onde hoje trabalha a Igreja do Nazareno.
3. Pelo trabalho nas Filipinas, país ultimamente perturbado por crises políticas e sociais. Prosseguem os trabalhos de reconstrução em vários templos danificados pelo terremoto de Junho de 1990. O Colégio Bíblico Nazareno de Luzon acha-se em pleno funcionamento, apesar dos danos estruturais sofridos. Tem 100 estudantes matriculados. □

Recorte e envie este cupão à  
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.  
Nos E.U.A., 6401 The Paseo, Kansas City,  
Missouri 64131. No BRASIL, C.P. 4121,  
01051 São Paulo, SP. Em CABO VERDE,  
C.P. 60, Mindelo, São Vicente.  
Em PORTUGAL, Rua Castilho  
209, 5º E., 1000 Lisboa.

Faça uma assinatura enviando a  
importância de US\$4.00 para qualquer  
dos endereços acima indicados.



# Líderes da SNMM:



## Dedicados a Servir Outros

*Conselho Geral  
da SNMM  
1989-93*

*FILA DA FRENTE (da esq. p. dir.):  
Bárbara Flemming, Presidente Geral  
Nina G. Gunter, Directora Geral*

*Robert H. Scott, Director da Divisão de Missão  
Mundial*

*FILA DO MEIO (da esq. p. dir.):  
Ana Maria R. de Carmona, México, Região da  
América Central*

*Betty Bowes, Região Centro Norte dos EUA  
Bárbara Turner, Região da Ásia-Pacífico*

*FILA DE TRÁS (da esq. p. dir.):*

*Miep Holleman, Região Euro-Ásia*

*Bárbara Wineinger, Região Central dos EUA*

*Linda Gonzalez, Região da América do Sul*

*Valerie Zanner, Região da África*

*Nina Fuller, Região Leste dos EUA*

*Genell Johnson, Região Sudeste dos EUA*

*Evelyn Sutton, Região Sudoeste dos EUA*

*Bud Sargent, Região do Canadá*

*Trude Conrad, Região Noroeste dos EUA*

*Christine Blankenship, Região Centro Sul dos EUA*

*Pedro Cruz, Região das Caraíbas*

*Paul Gray, Região Centro Leste dos EUA.*

*Presidentes Gerais da SNMM — Anos de Serviço*



Susan N. Fitkin  
1919-48



Louise R.  
Chapman  
1948-64



Rhoda Olsen  
1964-72



Bea Oliver  
1972-80



Lela Jackson  
1980-89



Bárbara  
Flemming  
1989-



## PÁGINA MISSIONÁRIA



*Directoras  
Gerais  
da SNMM*

Anos  
de Serviço

Emma B.  
Word  
1940-49



Mary  
Scott  
1950-75



Wanda  
Knox  
1975-80



Phyllis H.  
Perkins  
1980-86



Nina G.  
Gunter  
1986-

# ORAÇÃO E SALVAÇÃO

A realidade da graça está associada à da fé e confiança. O primeiro impulso à oração começa em Deus. Ele inspira-nos a satisfazer a necessidade d'Ele que sentimos no coração. Ao dobrar os joelhos, reconhecemos a nossa dependência do Senhor. Esta visão de fé permite-nos situar e olhar as coisas possuídas ou recebidas sob o controle divino.

Na perspectiva da graça, "a oração é abertura do homem para Deus que lhe fala no dom gratuito, e não um mecanismo para pressionar Deus a descarregar benefícios a granel" (A. Vaz). É através da graça que a nossa oração adquire força e se torna seu fundamento.

A eficácia da oração é proporcional à fé e condicionada à confiança perseverante. Deus não actua magicamente, nem a Sua acção pode ser vista pelos olhos da carne. Ele transcende o processo normal da natureza e situa-Se no plano superior da revelação.

Na Suma Teológica, Tomás de Aquino declara: "Quando ao orar pedimos algo relativo à nossa salvação, conformamos a nossa vontade à de Deus". Para ele a oração autêntica concentra-se e resume-se no pedido da graça da salvação. E como esta coincide exactamente com o querer de Deus, tal oração é eficaz.

Na súplica há uma reserva soteriológica: o fiel aceita que Deus actue como Salvador absoluto. Mesmo nas coisas pequenas, materiais ou espirituais, está sempre presente o propósito salvador de Deus.

Nós temos segurança do êxito na oração à medida que nos entregamos a Jesus Cristo, o dom de Deus. Por isso, devemos começar "buscando primeiro o reino de Deus e a sua justiça" (Mateus 6:33). Na oração, sem renunciarmos à humanidade, procuremos elevar-nos à sublime presença de Deus. Só assim é que a união terá pleno êxito.

A salvação concretiza-se quando, arrependidos, confessarmos os pecados e crermos em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. A certeza da salvação traz felicidade. Ainda continuaremos com enigmas e interrogações continuarão, por certo, mas por sermos filhos de Deus, teremos as melhores soluções. A oração feita "em nome de Jesus", alcança o seu objectivo.

Há pessoas que não concebem oração sem milagre. Mas as narrações bíblicas de milagres afirmam sempre uma intervenção de Deus para a salvação do homem, com ou sem o concurso de leis naturais.

A forma de Deus actuar nos milagres é recriando e não substituindo as criaturas ou suspendendo as leis por que se regem. Aliás, a intervenção divina não é objecto de análise mas de revelação. Nas narrações evangélicas de milagres, Jesus aparece sempre a exigir fé ao candidato à cura: "A tua fé te salvou!"

A salvação é um autêntico milagre de fé. É o amor de Deus a resgatar-nos.

Em última análise, a oração é a resposta livre do homem à Palavra de Deus. De facto, segundo o testemunho unânime dos evangelhos, os milagres realizam-se no contexto da oração: "Senhor, se queres, podes limpar-me" (Mateus 8:2); "Senhor, salva-nos, que perecemos" (8:25); "Filho de Davi, tem compaixão de nós" (15:22). Existe aqui espaço e incentivo para que você e eu acrescentemos a nossa própria súplica a Deus. □

—ACÁCIO PEREIRA

## PERGUNTAS

✓ Gostaria de saber o que a nossa igreja crê acerca de santificar o dia do Senhor. Poderá um cristão passar a tarde de domingo em parques de divertimento, tais como "Feira Popular", mesmo assistindo aos cultos no domingo de manhã e à noite?

Eu sempre pensei que o domingo era para adoração, descanso e visitação aos doentes. Ouço pessoas não salvas dizer que são tão boas como as cristãs pois fazem as mesmas coisas que elas.

✓ Os factos seguintes parecem-me tão claros, directos e francos que simplesmente não podem ser sujeitos a má interpretação. Deus é a cabeça do casamento. O marido foi colocado numa posição de autoridade sobre a esposa. Deve tratá-la com amor e afecto. Ela está sob a autoridade do marido, dada por Deus, e sujeita a ele. O facto do marido ser incrédulo não pode alterar esta doutrina.

Eu tive uma grande conversa com um ministro da Igreja do Nazareno que tem distintos pontos de vista. A sua mensagem era claramente esta: Não há cabeça humana dum casamento — só Jesus é a sua cabeça. Marido e esposa estão "sujeitos um ao outro" e a "sua autoridade é igual!" Explique, por favor.

## E RESPOSTAS

O nosso *Manual* urge os nazarenos a dedicarem os domingos à adoração, descanso e obras de misericórdia. Isto opõe-se a negócios desnecessários e "diversões no dia do Senhor". Esta última categoria inclui, segundo me parece, parques de divertimento.

Creio que seria erro restringir as actividades do povo, especialmente jovens, tão rigorosamente que tornasse as tardes de domingo em tempo de extremo aborrecimento. Porém, há bastantes actividades sociais que não implicam juntarmo-nos a pessoas profanas nas suas diversões totalmente seculares. O alvo de famílias cristãs e indivíduos deve ser buscar a santidade e não o prazer.

Muitos passam as tardes de domingo de modo a ficarem incapacitados, física e mentalmente, para que aproveitem na íntegra os cultos de domingo à noite.

As "pessoas não salvas" que você menciona não impressionarão Deus no dia de Juízo com seus argumentos comparativos. Ninguém é salvo por ser tão bom como os outros, ou perdido por ser pior que os outros. A salvação vem pela fé em Jesus Cristo, não por equivalências a um padrão humano de conduta. Os pecadores não se podem desculpar apontando para cristãos imaturos ou mesmo falsos.

Creio que os factos são claros, como você diz, com uma excepção. A esposa, antes de tudo, está sujeita ao Senhor. Portanto, quando a autoridade do Senhor entra em conflito com a do marido, ela obedece ao Senhor. Surge situação semelhante quando o cristão, que aprendeu nas Escrituras a obedecer ao governo secular (Romanos 13:1-7), recebe ordens deste para violar a sua consciência fazendo o que Deus proíbe ou abstendo-se do que Deus ordena. Neste caso, como os apóstolos esclareceram: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens" (Actos 5:29).

É errado interpretar as palavras de Paulo em Efésios 5:24 como significando que a esposa deve até pecar se for mandada pelo marido. Deus nunca concede aos governantes, maridos ou bispos poder *absoluto* sobre a vida de outras pessoas. Tal poder seria idolátrico.

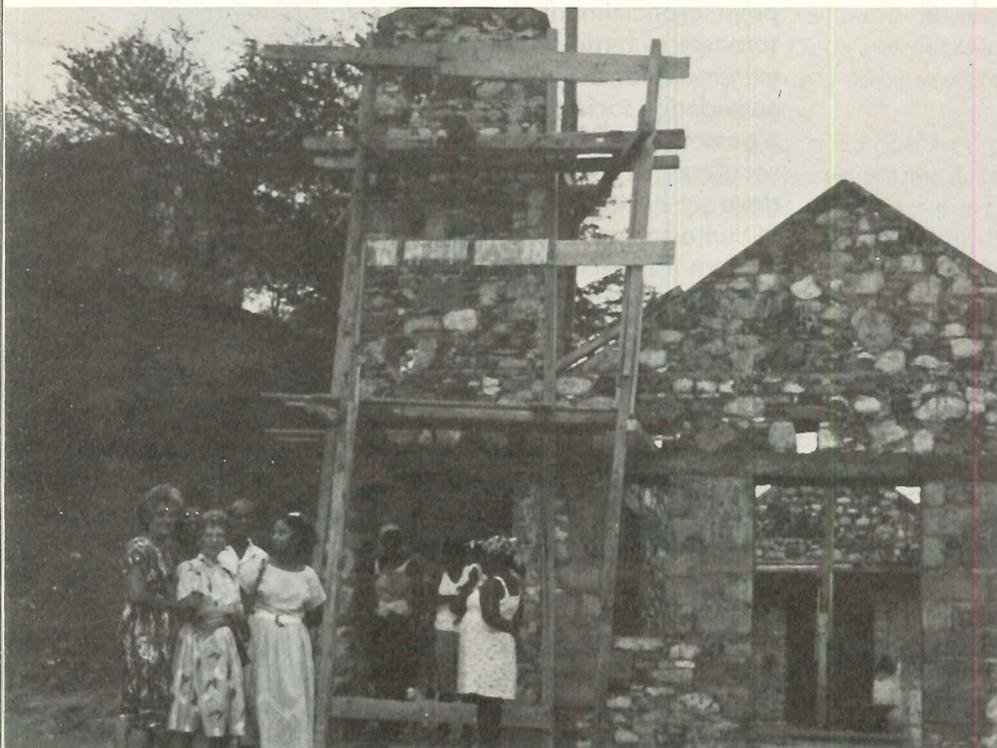
Efésios 5:25 está tão vinculado aos maridos como Efésios 5:24 às esposas.

A mútua autoridade mencionada em I Coríntios 7:4 deve reconciliar-se com Efésios 5:24.

Quando os cônjuges não concordam e tem de ser tomada uma decisão, cabe ao marido a responsabilidade de exercer "autoridade" e à esposa a de exercitar "obediência". Isto, repito, não se estende ao pecado. □

### A IGREJA PREVALECE

Vinte e três anos após ataque a pedradas de que foram vítimas os missionários Ernest e Jessie Eades, as irmãs praienses Adriana Lima e Zinha Antunes, bem como outros fiéis, São Domingos, na Ilha de Santiago, celebra a edificação dum templo nazareno. Na efeméride, 7 de Agosto, vários irmãos se deslocaram ao local do ataque para apreciar o progresso das obras. O trabalho é apoiado pela Igreja da Praia, Cabo Verde, cujo pastor, Rev. Daniel B. Barros, traçou o desenho da capela e dirige a construção.



### NOVA CAPELA

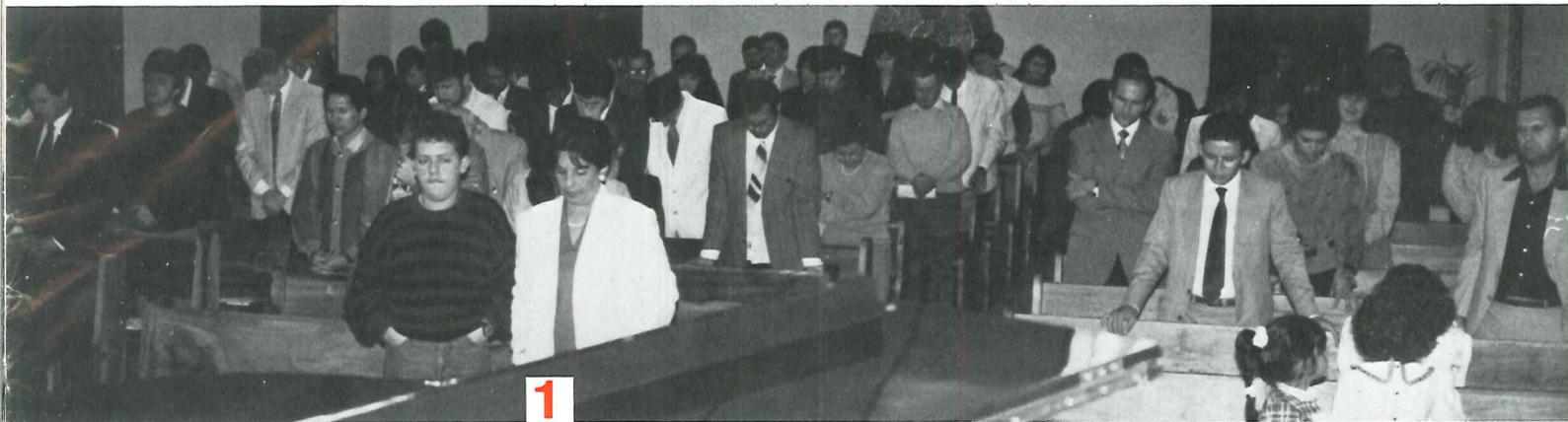
#### DO S.I.B.I.N. — BRASIL

1. "A Deus demos Glória..." foi o cântico jubiloso entoado por 200 vozes no culto da Dedicção da Capela LIBBY PERKINS Memorial do Seminário Nazareno do Brasil, no dia 6 de Agosto de 1990, em Campinas, Brasil. Um grupo de "Trabalho e Testemunho" da Primeira Igreja do Nazareno de Atlanta, Georgia, EUA, lançou a pedra da esquina da capela em 10 de Julho de 1989. Onze dias mais tarde, celebraram um culto de louvor na estrutura que levantaram, tendo já uma porção de telhas colocadas. Todavia, o projeto só viria a ser completado, pelo Seminário, um ano depois.

2. O Rev. Joaquim Lima, presidente da Junta do Seminário, entregou as chaves da capela ao reitor, Dr. J. Elton Wood, no princípio da cerimónia da dedicação.

3. O Rev. Stephen Heap, presidente do Conselho Missionário, e o Rev. Luciano Duarte Silva, vice-reitor, também participaram neste momento histórico.

4. Uma placa foi apresentada como tributo à memória da missionária, Rev<sup>a</sup>. D. Libby Perkins (cujo marido era o reitor da escola na época em que compraram o terreno que constitui o presente campus); tanto como ao Sr. Sidney Gholson (o director do grupo da construção); ao Sr. Cliff Kraft (mestre da obra); ao Sr. Carl Sawyer e à D. Márcia (que ofereceram os bancos); à D. Frances Johnson (que comprou a janela redonda de vidros coloridos); à D. Gladys Gradwell (que doou o piano de cauda); ao Rev. Jaime Kratz e à D. Carolina (que ofereceram o órgão electrónico); ao Dr. Charles Gates e à D. Joana (que ofereceram a vibra-harpa) e muitos outros que colaboraram para a realização da obra.



1  
2

5. O Dr. Elton Wood e a D. Margarida pousam em frente do edifício composto da capela, no segundo piso, e da biblioteca, no primeiro, satisfeitos pela realização do sonho. Têm servido no Seminário do Brasil desde 1976. A biblioteca foi também construída por um grupo de "Trabalho e Testemunho" (de Ohio Nordeste), em 1986. A Junta deu-lhe o nome de "Biblioteca Elton Wood".  
—J. ELTON WOOD. Reitor



3

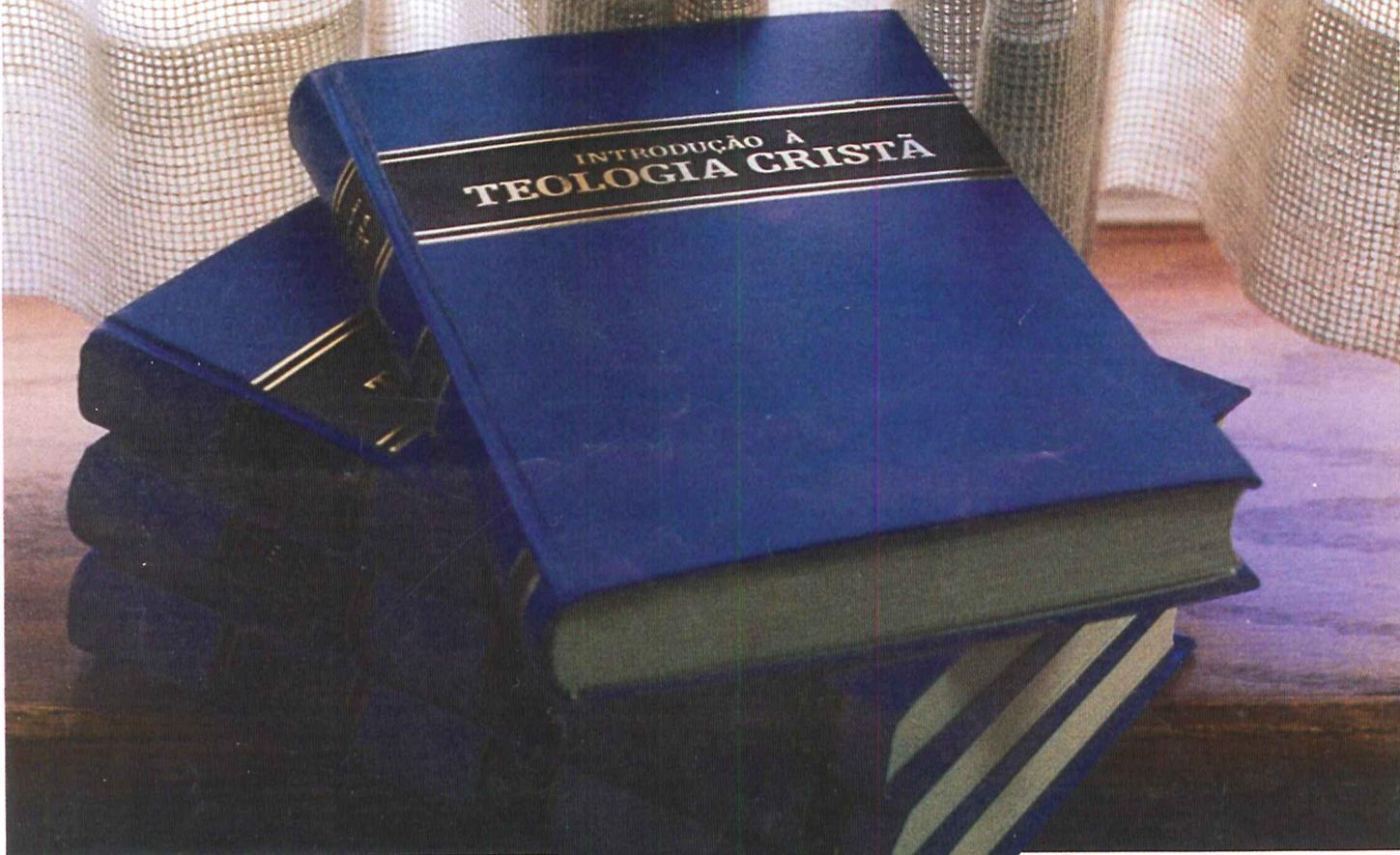


4 5



SIBIN  
ESTA CAPELA FOI CONSTRUIDA PARA A IGREJA DE DEUS  
EM MEMÓRIA DA MISSIONÁRIA  
REV. D. LIBBY PERKINS  
POR UM GRUPO DE "TRABALHO E TESTEMUNHO"  
DA IGREJA DO NAZARENO DE ATLANTA, GEORGIA, E.E. U.U.A.  
PRIMEIRA PRINCIPAIS DA IGREJA LANÇADA EM 11 DE JUNHO DE 1986  
CUSTO DE OBRAS E ACESSO DE BRANCA 22 DE JUNHO DE 1986  
CUSTO DE MANUTENÇÃO OBRAS 16 DE ABRIL DE 1986  
CONSTRUTORA - SIBIN - SR. DONALD WOODSON  
PROJETO DE OBRAS - SR. CLYDE PERKINS  
COMISSÃO - REV. DAVID W. BUNCH  
ELABORAÇÃO - O. FERN. BUNCH  
DESENVOLVIDOR - PETER J. ELTON WOOD  
CONSTRUTOR - SR. TERESITA RIBEIRO  
PROJETO - SR. DONALD WOODSON  
ELETRICISTA - SR. EDSON DA SILVA  
BANCO DA CAPELA OFERTA DE SR. CARL GAVLER E D. MARCIA  
BANCA REVISORA OFERTA DE D. FRANCIS JONKER  
OFERTA DE ACABAMENTO DE PAUL WHEELOCK E D. CAROLYN LARZONATI

# Acaba de Sair!



Esta obra fundamental é destinada a estudiosos leigos, professores de Escolas Dominicais, instrutores e candidatos ao ministério. Condensa num só volume o trabalho magno do teólogo H. Orton Wiley, de feição wesleiana-arminiana, metodicamente baseada nas Escrituras. Inclui também um Questionário no final de cada capítulo, auxiliar de valor para o estudante. INTRODUÇÃO À TEOLOGIA CRISTÃ tem sido usada, em vários idiomas, como livro texto de escolas, colégios e seminários. O povo evangélico de expressão portuguesa tem agora acesso a esta obra apresentada num volume de 516 páginas, encadernado em azul real, preto e com letras douradas.

## **INTRODUÇÃO À TEOLOGIA CRISTÃ**

—POR H. ORTON WILEY  
E PAUL T. CUBERTSON

Nº de catálogo — PLTD 3060  
Faça hoje o seu pedido à  
**CASA NAZARENA  
DE PUBLICAÇÕES**  
C. P. 4121  
01051 São Paulo, SP — BRASIL